

és-não-és

Noemi Jaffe

Doutora em Literatura Brasileira pela USP e autora de "A Verdadeira História do Alfabeto".

metáfora

já desconfio há algum tempo que, na verdade, todas as figuras de linguagem são variações da metáfora, compreendendo metáfora no sentido de co-ordenação simbólica, ou um símbolo cuja função é ocupar, com o mesmo valor, o lugar de outro objeto (ou semantema). senão, vejamos: hipérbole: metáfora do exagero; eufemismo: metáfora da atenuação; aliteração: metáfora sonora; antítese: metáfora da oposição; onomatopeia: metáfora de imitação sonora; pleonasma: metáfora da repetição, e por aí vamos. mas e a metonímia, adversária aparentemente feroz da metáfora, sua rival filosófica, já que parte da lógica, enquanto a metáfora seria só símbolo? ela que não fique se achando, porque, se bobear, é um tipo de metáfora também, já que sua lógica, me perdoem os linguistas, não é tão lógica assim.

pronome

a confusão pronominal do português é complicada, mas, por vezes, pode ser literariamente interessante. por exemplo: a mãe perguntou à filha se ela gostava dela. essa frase é ambígua e é preciso reformulá-la para que se conheça quem é ela e quem é dela. mas, num certo sentido, essa ambiguidade é boa e a frase pode ganhar com essa indecisão. se fosse eu, manteria desse jeito mesmo, porque, afinal, essa mãe não está entendendo nada.

passado

perfeito não significa nada mais do que percorrido, como se fosse o particípio passado de fazer, um tipo de "perfazido". se entendermos a palavra literalmente, portanto (e essa compreensão é sempre esclarecedora), para fazer algo perfeito é só fazê-lo inteiramente. completar o percurso de algo é a perfeição. a propósito, não é por outra razão que os tempos verbais do pretérito recebem o nome de perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. trata-se de: uma ação no passado totalmente realizada, uma ação em processo de realização e uma ação realizada antes de outra, também no passado. mais-que-perfeito não é, assim, irrealizável. é só muito antes.

bugiganga

as palavras que designam coisas sem importância são bem mais interessantes do que as palavras que designam coisas sérias e solenes. senão, comparem-se: bugiganga, quinquilharia, cacareco, bagatela, inânias, és-não-és, questiúncula e rebotalho com, por exemplo, ponderação, monta, notabilidade, substância, ênfase, relevo, gravidade e urgência. como são pobres as palavras importantes.

regência

de vez em quando, mudar algumas regências verbais (aliás, a própria palavra regência deveria ser mudada, já que o verbo não é o rei das palavras): libertar-se em e não libertar-se de; viajar algo e não viajar em ou por algo; apaixonar alguém e não apaixonar-se por alguém; sonhar algo e não sonhar com algo; você me gosta, querendo dizer que eu gosto de você, como no francês ou no espanhol (tu me plais, esto me gusta); você me falta, querendo dizer que eu sinto sua falta, como em francês (tu me manque) e, finalmente, e sem vergonha, deslocar alguns pronomes repressores: nada de "eu o amo". já que é para dizer, digamos logo: "eu amo ele".

presente

não existe tempo verbal mais bonito do que o raro particípio presente, que conjuga o passado, representado pelo particípio, ao presente em movimento. palavras como poente, nascente, lente, movente, paciente, doente designam o processo mesmo, enquanto acontece, mas já antevêem o final; aquilo logo será passado. por essa mesma razão, porque o processo em breve acabará, elas são também confundidas com adjetivos. como se indicassem estados e não processos. como se o processo se escondesse lá dentro do verbo imperceptível.

ela

duas atitudes completamente distintas diante da vida se revelam nas respostas "sou eu" ou "é ela", à pergunta "fulana está?", dita ao telefone. não compreendo muito bem o que significa o eu que responde "é ela". é alguém que trata a si mesmo como o outro do interlocutor que o procura ao *és-não-és*